

## O barroco em Minas Gerais: da revelação de Deus à estrutura social

The baroque in Minas Gerais: from the revelation of God to the social structure

Felipe dos Santos Barbosa  
Thales Ryan de Carvalho\*

Recebido: 17/03/20

Aprovado: 22/04/20

### Resumo

O presente artigo justifica-se pela necessidade de contribuir na reflexão acerca da Revelação de Deus no Barroco mineiro. O Barroco, como movimento artístico e cultural, contribuiu muito para as práticas religiosas e expressões culturais no Brasil dos séculos XVII e XVIII. Em Minas Gerais, com a descoberta das minas de ouro, muitas pessoas foram em busca dessa riqueza, não tardando a surgir conflitos e, inclusive, uma nova estrutura social. A cidade de São João del-Rei, com suas muitas características do Barroco, insere-se nesse contexto. No entanto, deve-se buscar novas compreensões na ideia de como Deus se revela nas manifestações artísticas e culturais do Barroco; onde Deus se revela no Barroco mineiro? Nesse sentido, de acordo com o teólogo Ignacio Ellacuría, Deus se revela sobretudo aos pobres, excluídos e marginalizados; nas misérias da sociedade.

**Palavras-chave:** Barroco. Estrutura Social. Revelação.

### Abstract

This article is justified by the need to contribute to the reflection on the Revelation of God in the Baroque of Minas Gerais. The Baroque, as an artistic and cultural movement, contributed a lot to religious practices and cultural expressions in Brazil in the 17th and 18th centuries. In Minas Gerais, with the discovery of the gold mines, many went in search of this wealth, soon followed by conflicts and even the emergence of a new social structure. The city of São João del-Rei, with its many Baroque characteristics, fits into this context. However, new understandings must be sought in the idea of how God reveals himself in Baroque artistic and cultural manifestations; where does God reveal himself in the Baroque of Minas Gerais? In this sense, according to the theologian Ignacio Ellacuría, God reveals himself above all to the poor, excluded and marginalized; in the miseries of society.

**Key words:** Baroque. Social Structure. Revelation

### Introdução

O Barroco é um movimento cultural que é conhecido em todo o mundo, sobretudo nos países que, em seu apogeu, nos séculos XVI a XVIII, tiveram laços com

---

\* Felipe dos Santos Barbosa e Thales Ryan de Carvalho são graduandos do 6º semestre do curso de Teologia do Instituto São Paulo de Estudos Superiores (ITESP). Este texto foi elaborado a partir de um trabalho de conclusão da disciplina Revelação, sob a responsabilidade Prof. Dr. Edevilson de Godoy.

a Europa, berço do Barroco. No Brasil, este movimento adquiriu forma no século XVII, principalmente após a descoberta do ouro na região das “Minas Gerais”. Nessas terras, o movimento cultural teve muita influência, não somente no que concerne à religiosidade; mas, sobretudo, na sua relação com a estrutura social da época.

Partindo-se da sociedade contemporânea, pode-se questionar: Onde Deus se revela no Barroco mineiro? Entende-se que, pelos recursos históricos transmitidos, que Deus revela-se nas manifestações artísticas do Barroco na ocasião em que o sujeito contempla tais manifestações artísticas e religiosas características do movimento. No entanto, o intuito desse artigo é entrever o outro lado dessa revelação de Deus, pois, procura entender o papel da religião na estrutura social que se formou em Minas Gerais nesse período histórico. Assim sendo, pretende-se apresentar outro rosto desse Deus que se revela: um Deus próximo aos pobres, excluídos e marginalizados da sociedade; um Deus *Goel* que é capaz de animar, acolher e caminhar com essas pessoas ignoradas pela “pompa” oficial do Barroco.

Para realizar tal proposta, esta pesquisa está estruturada em três momentos principais. No primeiro momento, busca-se apresentar a formação histórica e as principais características do Barroco, enquanto movimento cultural geral, o que se faz útil na perspectiva de compreender os avanços culturais e artísticos do movimento e sua relação social com os espaços onde está inserido. Em um segundo momento, busca-se compreender o Barroco mineiro, evidenciando: o Barroco no Brasil, o Barroco em Minas Gerais e especialmente as estruturas social e religiosa desse período. Por fim, apoiando-se no pensamento de Ignacio Ellacuría, objetiva-se apresentar o lugar, por excelência, da Revelação de Deus no Barroco mineiro: os pobres, excluídos e marginalizados pela sociedade.

### **1. O barroco: movimento artístico e características**

O estilo Barroco nasceu na Itália durante meados do século XVI e perdurou até o século XVIII. A palavra “*barroca*” foi atribuída a um senso pejorativo, pois vem da voz portuguesa *barrueco*, que significa pérola irregular e define o barroco como caracterizado pelo artificial. Durante muito tempo foi considerado um estilo desonroso e uma simples degeneração do Renascimento.

Atualmente o Barroco é considerada uma das correntes mais bonitas e importantes do mundo. O Barroco italiano, por exemplo, não é apenas o barroco de Roma, ou seja, em toda a Europa, pode-se encontrar admiráveis conquistas barrocas de estilo pleno de riqueza e brilho. A arte barroca conserva, em princípio, as formas típicas

do Renascimento e procura revelar, mesmo em seu estado passageiro, uma impressão ou sentimento objetivado através de formas em parte imaginárias.

Para entender esse estilo é necessário colocá-lo em relação à sociedade e ao contexto do seu tempo. Neste sentido, a geografia do século XVII não é difícil de definir. Um dos centros mais influentes é a Roma papal, centro de uma arte *contrarreforma* que deriva para um barroco exuberante. Ideologicamente perto de Roma está a Corte Espanhola Áustria, com centros nevrálgicos como Sevilha, Toledo e Madrid, na Península Ibérica e Nápoles, Lombardia e Flandres, no estrangeiro.

Por causa da eclosão do protestantismo, o cristianismo europeu passou por uma crise profunda, a Igreja Católica levou muito tempo para reagir, e o fez com o *Concílio de Trento* (1545-1563). Com ele veio um período de renovação, incentivado com a criação de numerosas ordens religiosas, reconquista de territórios espiritualmente perdidos e desenvolvimento de uma importante atividade cultural.

É neste contexto onde surge uma arte adequada para a renovação religiosa, especialmente com o fim de transmitir conteúdo para as pessoas, sobretudo dos dogmas e do culto aos santos e à Virgem. O tempo "triumfalista" barroco também era o dos grandes santos e místicos.

Mas o barroco não era uma arte exclusivamente religiosa; também teve imediatamente uma inclinação secular muito importante. Os séculos XVI e XVII foram um período de consolidação das monarquias europeias e onde as bases do estado moderno, burocrático e centralizado, foram lançadas. O barroco era melhor do que qualquer outro estilo para as necessidades de luxo e pompa, e sua difusão concordava bem com os gostos da opinião geral da época, que incorporou, ao mesmo tempo, o gosto popular pelo show e o a convicção dos teóricos políticos de que *o poder só é adequadamente aprimorado se se manifesta nos olhos de todos para um brilho luxuoso*.

No final do século XVI, o *Classicismo*<sup>1</sup> esgotou suas possibilidades expressivas, sendo novamente a Itália, berço de uma nova forma de expressão plástica, com uma série de artistas que conseguiram dar um novo significado e interesse a um classicismo já gasto. Nesse interim, a lógica da arquitetura ou o equilíbrio tenso de Michelangelo na escultura são seguidos por novas gerações com *sensibilidade fatigada*, o que torna o trabalho equilibrado e racional a expressão desequilibrada do Barroco, que foi

---

<sup>1</sup> Classicismo é uma estética literária do século XVI, manifestação nas letras de um movimento cultural amplo denominado Renascimento – houve manifestações renascentistas em diversos âmbitos da sociedade: política, ciências, religião, artes plásticas, arquitetura, literatura.

substituída pelo Renascimento manifestado na arquitetura. A partir de agora será a arquitetura que dirigirá a expressão plástica, de tal forma que a escultura e a pintura vão aderir a ela, levando a uma verdadeira simbiose das artes que se unirão para formar um todo magnífico no qual a capacidade do olho humano não é capaz de distinguir onde um começa e termina o outro.

## **2. O barroco em Minas Gerais**

O aparecimento do barroco no Brasil iniciou-se com a chegada dos portugueses e da Igreja. A Igreja, no que lhe concerne, pisará em terras coloniais com alguns grupos religiosos, especialmente os jesuítas. Trazem, além dos sinais de uma arte barroca extraordinariamente pulsante, sobretudo, no final do século XVI, talentosos assistentes e artesãos, difundindo, aos poucos e de forma exuberante, esse estilo artístico para a colônia.

Os jesuítas, sendo os principais evangelizadores da fé cristã, utilizaram para tal: as artes plásticas, principalmente com as imagens de santos, a música, a literatura, o teatro, em que empenham o ensinamento de exemplos morais:

Foram várias as formas de representação adotadas em face da realidade encontrada pelos portugueses, quando do contato com os nativos. Logicamente, à frente deste processo estava a Igreja, especificamente os jesuítas, os quais buscaram caminhos estratégicos para absorver a atenção dos indígenas, alheios aos valores cristãos. Uma das ferramentas mais eficientes foi o teatro: as representações teatrais, especificamente religiosas, tiveram um papel essencial na evangelização e conversão do gentio, uma vez que fluíram de maneira bem pedagógica, tendo quase sempre como base as narrativas bíblicas (BEDIN, 2014, p. 84).

Para este autor, todas essas produções foram portadoras de mensagens e valores que deveriam ser seguidos pela sociedade do período. Ou seja, tendo em vista o cunho catequético e civilizador, a arte nos primórdios da colônia, e quase que exclusivamente em todo período colonial, será uma arte religiosa.

O Barroco, provavelmente, será o primeiro estilo artístico europeu a ser exportado para outros continentes, porém, essa possibilidade de acesso aos modelos do Barroco europeu não impediu o caráter criativo dos artesãos nativos; pelo contrário, a arte barroca vai-se desenvolver em terras coloniais a partir da sociedade. A arte vai crescer seguindo o desenvolvimento da sociedade colonial, sociedade temente a Deus e seduzida pelas obras.

A descoberta de ouro na região das *Minas Gerais*, no Brasil, teve como consequência imediata um povoamento rápido e desordenado das regiões do estado. Os caminhos se encheram de aventureiros de variadas castas e origens, oriundos de todas as

partes. A ocupação das proximidades da cidade de São João del Rei, por exemplo, data do final do século XVII e início do século XVIII, quando Tomé Portes del Rei instalou-se à margem esquerda do rio das Mortes, atual bairro de Matosinhos, lugar que era o caminho para as minas. O termo Rio das Mortes se deve ao fato de morrerem nele homens que passaram nadando e outros que se *mataram às pelouradas*, brigando pela repartição dos índios que vinham do interior.

Disso decorre o fato de que a descoberta de ouro no Rio das Mortes trouxe muitos aventureiros, forasteiros e emboabas para a região. O termo *emboabas* foi um nominativo dado pelos paulistas que descobriram e se dirigiram para a região das minas, às pessoas provenientes de outras capitanias, como Rio, Bahia e Pernambuco e também aos portugueses, todos esses almejando a extração de ouro das minas.

Entre 1707 e 1709 ocorreu um dos episódios marcantes da história do Brasil: a *Guerra dos Emboabas*. O motivo principal para o surgimento desse embate foi a disputa pelo direito de extração das minas de ouro recém descobertas. De um lado se tinha os desbravadores vicentinos (paulistas) justificando-se pelo direito à exploração por terem descoberto as minas de ouro e, de outro lado, estavam os imigrantes, como já foi mencionado acima, de diversas partes do país e também de Portugal. O conflito teve fim em 1709, por meio da intervenção de Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, governador do Rio; os paulistas foram derrotados e expulsos das minas.

Em São João del Rei, região em que se sucedeu os conflitos entre paulistas e emboabas, a primeira divisão ocorrida, a nível social, no arraial foi de raças. A Confraria do Rosário (1708) foi a precursora por ter sido destinada aos negros, o que mostra que a Igreja começa a funcionar oficialmente antes do Estado. Em 1713, a próspera localidade foi elevada à vila e recebeu o nome de São João del-Rei em homenagem a Dom João V, rei de Portugal. Como consequência de todo esse movimento econômico, político e social, a pequena vila vai crescendo, tendo o Barroco, junto com o Rococó, como o estilo mais valorizado e que, ainda hoje, possui inúmeros bens tombados.

## **2.1 Estrutura social no período do Barroco em Minas Gerais**

O Barroco, expressão artística e cultural, também é um produto social já que reflete em sua estrutura estilística o reflexo de uma sociedade ainda em formação. Com a chegada de diversos grupos em busca do ouro em Minas Gerais, é natural que também a religião e a estrutura social sofressem profundas alterações onde a inter-relação entre elas permite compreender o modo como sucedeu a revelação de Deus neste espaço. Para

isso, faz-se necessário entender a estrutura social do período do Barroco em Minas Gerais.

A primeira classe social que se formou foi a dos grandes proprietários de bens. Nesse setor dos mais ricos da população se encontravam mineradores, fazendeiros, comerciantes e altos funcionários que tinham por objetivo a administração das minas e eram selecionados diretamente pela Metrópole.

Em segundo lugar, encontrava-se o contingente médio, em atividades profissionais diversas, os donos de vendas, mascates, artesãos (como, por exemplo, alfaiates, carpinteiros e sapateiros) e tropeiros. Também se encontra nesse setor os pequenos roceiros que, em terrenos reduzidos, praticavam a agricultura de subsistência cujos produtos eram milho, feijão, mandioca, hortaliças e árvores frutíferas e os faiscaidores que eram indivíduos nômades que mineravam por conta própria. Deslocavam-se conforme o esgotamento dos veios de ouro. No final do século XVIII, esta camada social foi acrescida de elementos ligados aos núcleos de criação de gado leiteiro.

Os padres seculares, devido à sua função social, também se localizavam nessa camada social intermediária, uma vez que, na Colônia, poucos membros do clero ocupavam altos cargos como, por exemplo, o de bispo, que morava em Mariana, única cidade da capitania.

Nesse sentido, com o crescimento populacional surge também, na capitania real, a *baixa* camada social constituída por grande número de indivíduos sujeitos às ocupações incertas. Tais indivíduos não tinham posição definida na sociedade mineradora e acabavam vivendo na pobreza, na prostituição e no crime. Essa camada social era geralmente composta por homens livres: alguns brancos, mestiços ou escravos que haviam conseguido alforria e, deste modo, causava constante inquietação aos governantes.

O Estado, percebendo a necessidade de agir junto a essa população incapaz de prover seu próprio sustento, associou a repressão à *utilidade*. Dessa preocupação, ocorre a repressão por meio de castigos e trabalhos diversos. Esta população, entendida como de *vadios*, foi recrutada ou à força ou em troca de alimento, para tarefas que não podiam ser executadas pelos escravos, necessários ao trabalho do sistema minerador. Vistos como desclassificados sociais, o Estado apropriou-se dessa mão-de-obra para a construção de obras públicas como presídios, Casa da Câmara, entre outras, o que possibilitou as pequenas iniciativas de urbanização nas pequenas vilas.

Por fim, a última classe social formada na região das minas era a dos escravos que, como em toda a Colônia, na época, representavam a força de trabalho sobre a qual repousava a vida econômica da capitania das Minas Gerais. Vivendo mal alimentados, sujeitos a castigos e atos violentos, constituíam a parcela mais numerosa da população.

Essa situação gerava uma constante preocupação para as autoridades já que, apesar da repressão cruel, não eram raras as tentativas de levantes de escravos e a formação de quilombos, como o do Ambrósio e o Quilombo Grande. A destruição de ambos, em 1746 e 1759 respectivamente, não impediu que ocorressem outras fugas e a formação de novos quilombos.

Em relação à composição étnica da sociedade no ano de 1776, a maior parte da população nas terras das *Minas Gerais* era formada pelos negros, em sua maioria escravos, representando 52% da população. Os brancos eram a minoria com 22%, enquanto o segundo contingente era formado pelos pardos.

## **2.2 Estrutura religiosa no período do Barroco em Minas Gerais**

Junto à estrutura social de uma determinada região estão interligados outros elementos como, por exemplo, a estrutura religiosa. A religião dialoga com a sociedade e vice-versa, sendo que a cultura e a relação entre as camadas sociais são fator decisivo para com o modo de como é manifestada a religiosidade em qualquer região.

Naquela época, na região do *Ciclo do ouro*, tanto o Estado como a Igreja Oficial, enquanto instituições, exerceram papéis secundários com relação às práticas religiosas. Formou-se na região uma religiosidade própria onde leigos e instituições sem envolvimento com a estrutura eclesiástica oficial, foram fundas e se desenvolveram as irmandades. Eram estas, em sua ideia geral, um espaço que aceitava a todos: homens, mulheres, negros e brancos. As irmandades surgiram como uma resposta inconsciente de prática religiosa por conta de toda a insegurança e instabilidade presentes no cenário da extração mineira. A sociabilidade se transformou em associações leigas que se consagravam às imagens padroeiras.

O fenômeno das irmandades revela uma fundamental presença social inserida nas práticas religiosas daquela região. No comércio local, já havia tempo para se falar do divino, enquanto que em espaços dedicados à prática religiosa encontrava-se oportunidades para essa vivência. Em 1711, quando se desenvolveram as primeiras vilas mineiras, já existiam cerca de dez irmandades. Sem dúvida, estudar este fenômeno é essencial para entender e compreender a cultura, a história local e a revelação de Deus na iniciativa e religiosidade popular.

As irmandades não encontraram barreiras por parte das autoridades e, por esta razão, seguiram seu processo de expansão. Ao final do período colonial do século XVIII, já existiam mais de trinta irmandades na região. Se por um lado, as confrarias contribuíram sensivelmente em melhorias urbanas, como obras públicas e configuração do comércio local, de outro, não podemos afirmar que conseguiu igualar a consideração dada entre brancos e negros. A igualdade perante Deus não se estendia à vida terrena. Os homens brancos conscientemente proporcionavam essa prática religiosa, no entanto, existia um falso entendimento de igualdade entre eles.

Diante dessa segregação social e racial, as irmandades dos negros adquiriram o direito de resgatar escravos desde que, estes eram justificadamente postos à venda pelos senhores. Esse diagnóstico ganhou força com Nossa Senhora das Mercês, tida pelos irmãos como redentora dos cativos. Os escravos encontraram nas irmandades um espaço para prática da sociabilidade e também de *exercitar* sua cultura, sobretudo, religiosa.

### **3. A revelação de Deus no barroco mineiro**

A partir do caminho percorrido durante a reflexão presente nesse artigo, pode-se perguntar: onde está a revelação de Deus, considerando a realidade de segregação social e religiosa existente no barroco mineiro dos séculos XVII e XVIII? Indo mais além dessa questão, Deus se revela no barroco mineiro a quem, onde e como?

Para dialogar com essa realidade, o pensamento do teólogo latino-americano Ignacio Ellacuría (1930-1989) faz-se oportuno. Nascido na Espanha, Ellacuría se tornou jesuíta e passou grande parte de sua vida em El Salvador, na América Central. Entre 1962 a 1965, período do Concílio Vaticano II, foi aluno de Karl Rahner. Em 1989, junto a seus companheiros, foi assassinado em El Salvador devido à sua luta por justiça, igualdade e liberdade para o povo daquele país.

No tempo do teólogo, o problema era essencialmente a oligarquia dominante que excluía a grande parte da população – portanto, a questão socioeconômica era fundamental. Hoje, o povo é crucificado, como Ellacuría dizia, pela exclusão, sem direitos humanos, sem acesso à educação e à saúde. Essas situações de privação dos direitos fundamentais são cruces que oprimem a vida.

Dessa maneira, é possível associar a leitura da realidade feita por Ellacuría com a mesma que acontecia no período do barroco em Minas Gerais. Em último lugar estava a preocupação com o ser humano, as garantias de seus direitos e uma religiosidade que fosse inclusiva. As péssimas condições em que estavam expostos escravos, *vadios* e

outros trabalhadores nas minas de ouro servia para mostrar o desprezo com que era tratado o ser humano: a *fome* de ouro tinha mais valor de que a dignidade do ser humano, aliás, o ouro tinha mais valor do que a vida.

A oligarquia dominante presente em El Salvador no século passado é correspondente com a *oligarquia* do período do Barroco: quem enriquecia com o ouro eram os grandes fazendeiros, donos de minas e, no final das contas, a metrópole. Em ambos os casos o que existia era uma situação de exploração onde os escravos e pobres, os mais vulneráveis, pagavam toda a conta desse sistema. Evitando os anacronismos, é inserido nessa realidade que o teólogo faz a sua teologia; uma teologia na vida prática do povo, junto ao povo, clamando por libertação e tendo a coragem de ir até as últimas consequências, ao dar a vida por essa causa: pela justiça.

Ainda assim, para Ellacuría, um povo que tem fé e que vive essa situação sem se distanciar de Jesus Cristo, acaba por encontrar forças Nele, e seu sofrimento não se torna uma coisa apenas negativa, pois, na relação com Jesus, essas pessoas se tornam um povo profético. Nesse aspecto, encontra-se a revelação de Deus: é quando o oprimido compreende que Deus está no meio deles, caminhando com eles e os conduzindo à libertação. É nesse ponto que o oprimido adquire a consciência religiosa de seu protagonismo.

Ellacuría é um dos teólogos latino-americanos que melhor soube articular interdisciplinarmente em seu pensamento teológico a análise política do Continente e a realidade de El Salvador, partindo dessas duas premissas para a elaboração teológica, reflexão filosófica e práxis pastoral. Nesse caso, o teólogo deixou-se sensibilizar pela massa empobrecida de seu tempo e soube, de maneira séria, criticar os projetos políticos e organizações que oprimiam o povo.

Conforme exposto acima, dentre os temas abordados por Ellacuría em sua obra, encontra-se a dimensão social da teologia e a implicação das práxis libertadoras no ambiente eclesial. Para ele:

La fe cristiana, lejos de convertirse en opio – y no sólo opio social -, debe constituirse en lo que es: principio de liberación. Una liberación que lo abarque todo y lo abarque unitariamente: no hay liberación si no se libera el corazón del hombre; pero el corazón del hombre no puede liberarse cuando su totalidad personal, que no es sin más interioridad, está oprimida por unas estructuras y realidades colectivas que lo invaden todo. Si respecto de planteamientos más estructurales, la Iglesia debe evitar convertirse en opio respecto de los problemas personales, también debe procurar que planteamientos más individualistas y espiritualistas no se conviertan a su vez en opio respecto de problemas estructurales (TAMAYO-ACOSTA, 1989, p. 227).

A partir do apresentado acima, pode se refletir que, durante o auge do Barroco mineiro, erigiu-se muitas igrejas em que, por trás das belezas artísticas visíveis, havia o controle da estrutura social, legitimamente segregada e aplicada dentro do contexto coletivo. Nesse sentido, um escravo ou pobre da sociedade pode, por exemplo, contemplar essas belezas religiosas e culturais presentes no Barroco mineiro e em nenhum momento tomar consciência das estruturas opressivas que estão disfarçadas na manifestação artística/ cultural. É dentro dessa linha de raciocínio que o pensamento de Ellacuría auxilia para a compreensão da revelação de Deus no Barroco mineiro: é preciso aos homens libertar-se das estruturas coletivas que o oprimem e impedem sua libertação integral. E a tarefa para promover essa libertação estrutural do homem é da Igreja, a partir da tomada de consciência em sua reflexão teológica, buscando a construção de uma sociedade em que estejam presentes a justiça social e a promoção da vida.

Assim sendo, é plenamente possível que Deus tenha se revelado a muitas pessoas durante os longos anos do Barroco no mundo, no Brasil, em Minas Gerais e em São João del Rei e, mais possível ainda que ele continua se revelando ainda hoje no que restou do Barroco nesses lugares. Essa revelação de Deus toca o ponto da manifestação artística e cultural do homem, expressões de um profundo sentido de Deus e de fé. Entretanto, não se pode reduzir essa revelação no plano puramente material ou buscar critérios subjetivos que justifiquem a relação entre revelação e arte.

A revelação trinitária perpassa as expressões humanas e, através dessas, liga-se ao coração da humanidade com aquilo que é o centro da revelação: a caridade e o amor. No entanto, não é concebível o fato de que uma expressão humana, como é o Barroco, por exemplo, *oculte*, no interior da sociedade em que é concebida, estruturas de opressão e que, de maneira indireta, utilizam da arte para perpetuar o sistema social.

É nesse sentido e contexto que Deus se Revela nas misérias da sociedade. O Deus *Goel* se faz presente junto ao pobre e oprimido: talvez esteja aqui o mais autêntico centro da revelação. É preciso que a humanidade tome consciência que esse Deus Trinitário que se revela à humanidade, não o faz apenas nas grandes pessoas, construções ou expressões humanas. É no mais baixo, simples e oprimido que esse Deus está presente: *pois tive fome e vocês me deram de comer, tive sede e me deram de beber, era estrangeiro e me acolheram ....* (Mt 25,35). Portanto, é nos pobres lavradores, *vadios* explorados e escravos marginalizados do período do Barroco Mineiro, que Deus se fez presente, caminhando junto a eles e, a partir da singela religiosidade de cada um

deles, mesmo que rejeitada pelos poderosos, que o rosto amoroso de Deus se mostra à humanidade.

### **Considerações finais**

Com base nas pesquisas feitas para elaborar este artigo, chega-se a algumas inferências. Em primeiro lugar, destaca-se o transcurso histórico-crítico desenvolvido para buscar compreender a Revelação de Deus no Barroco mineiro. De fato, nesse sentido, o Barroco, entendido como movimento artístico/cultural, é de extrema importância para os avanços históricos da idade moderna, ao passo que se estrutura sociologicamente em uma relação com a religião e o Estado. Decorrente dessa relação, encontra-se as manifestações artísticas características desse movimento e que, ainda hoje, podem ser contempladas em variados lugares.

Em segundo lugar, deve-se conceber que, no *Ciclo do Ouro*, em Minas Gerais, o Barroco adquiriu estruturas próprias e que, certamente, corroboraram para a manutenção da estrutura social vigente e devotando, em suas linhas artísticas, uma religiosidade caracterizada pela devoção nas confrarias, pela prática do preceito religioso, ainda que a relação Igreja e Estado não fosse absoluta, e pelo processo de exclusão social. Nesse sentido, tem-se aqui uma Revelação de Deus aparente: a estrutura social regional clamava por transformação social, enquanto a revelação era entendida como êxtase da contemplação nas manifestações culturais.

Em terceiro lugar, Ellacuría contribui com seu pensamento em conformidade com a tese aqui exposta quando apresenta a ideia de um Deus que se revela aos pobres, excluídos e marginalizados da sociedade. Nessa perspectiva, Deus não se revela apenas na manifestação artística do Barroco mineiro, pelo contrário, o lugar primordial de sua revelação é junto aos escravos, excluídos e oprimidos pela sociedade mineira dos séculos XVII e XVIII.

Portanto, ao se discorrer sobre a revelação de Deus no Barroco mineiro, o que se pretendeu não foi divagar sobre temas teóricos e/ou históricos desse movimento artístico e sua relação com a Revelação de Deus. Também, buscou-se evitar os anacronismos e compreensões sociologicamente unívocas. Pretendeu-se, pelo contrário, apresentar outro rosto da revelação de Deus. Rosto esse, pleno de amor e acolhimento que é sustento e esperança na vida dos que sofrem, dos pobres e oprimidos. Um Deus que se revela a essas pessoas e mostra que, ao longo de toda a história, nunca os deixou desamparado.

**Referências bibliográficas:**

- BEDIN, A. G. *Igreja Nossa Senhora do Rosário, Embu das Artes (SP): arte e educação jesuíticas*. Tese – Ciências da Religião – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: 2014.
- BURY, J. *Arquitetura e Arte no Brasil Colonial*. São Paulo: Editora Nobel, 1973.
- CUNHA, A. M. *Vila Rica – São João del Rey: as voltas da cultura e os caminhos do urbano entre o século XVIII e XIX*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2002.
- FREYRE, G. *Casa-grande e senzala*. São Paulo: Global Editora, 2003.
- MACHADO, L. L. *Barroco Mineiro*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- SANTOS, M. G. V. P. *História da arte*. São Paulo: Ática, 2002.
- STUMPF, R. G. Minas Contada em Números: A Capitania de Minas Gerais e as fontes demográficas (1776 – 1821). In: *Revista Brasileira de Estudos Populacionais* 34/3. Belo Horizonte, 2017, pp. 529-548.
- TAMAYO-ACOSTA. *Para Comprender la Teología de la liberación*. Navarra: Editorial Verbo Divino, 1989.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- TAPIPE, V. L. *El Barroco*. Buenos Aires: Editorial Universitária, 1691.